

2007 - Portugal e a diplomacia da neutralidade colaborante

Portugal e a diplomacia da neutralidade colaborante

por: Eugénio Costa Almeida©

Portugal continua a fazer uso da sua já proverbial “neutralidade colaborante” ou seja, estar bem com Deus e com o Diabo. São quatro os casos recentes que demonstram essa teoria. A presença em Portugal das FARC, entretanto reconvertidas em Café da Colômbia, o Tratado Europeu, Robert Mugabe e Dalai Lama. Há dias escrevi para um portal noticioso lusófono, o Notícias Lusófonas, um artigo onde o título era, só por si, indicador da inépcia e da incongruência da diplomacia do lusitano Palácio das Necessidades “Se as FARC entram em Portugal porquê impedir Robert Mugabe?”. O que distingue um do outro? Um, as FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, braço político do Partido Comunista da Colômbia (PCC), está considerado tanto pelos EUA como pela União Europeia (UE) como uma organização terrorista. É conhecida pelo rapto e assassinato de inúmeros deputados locais e da antiga candidata a presidente Ingrid Betancourt, sequestrada pelas FARC desde 2002. Já Robert Mugabe, mal ou bem, com votos viciados ou não, é, afinal, um Chefe de Estado ainda que autocrático e despótico como pouco. Por isso se uma organização terrorista poderia entrar e “pavonear-se” num stand pseudo do PCC na festa dos comunistas portugueses, como já o tinham feito no passado, sem que as autoridades portuguesas e eurocratas nada dissessem que autoridade moral têm-no para querer impedir a entrada de Mugabe para a Cimeira de Lisboa entre a UE e África? A velha neutralidade colaborante portuguesa. Não questiona um dos seus partidos mais emblemáticos e muito próximo de Cuba nem deixa de mostrar a eterna subserviência à velha Albion. A mesma que, sempre que necessita relembra a antiga aliança, mas que tem mostrado um certo xenofobismo face aos lusitanos – um facto começa a ser, infelizmente, recíproco –; nomeadamente desde que tem, ultimamente, perdido quase todos os jogos de futebol com Portugal e com o “caso” Madeleine McCann; este, se se vier a provar os últimos factos, terá sido a maior fraude mundial em que haverá em registos históricos e quase o fim do acreditar na Humanidade. Aliado a isto, o facto de Mugabe, líder de uma antiga colónia inglesa, ter decidido que no seu País, mesmo que isso o leve à ruína e ao descalabro que se vê, com falta de farinha para produzir pão – o antigo celeiro de África – e regista a maior taxa de inflação do Mundo, quem manda são os zimbabueanos e não o Foreign Office. E como os ingleses disseram que Mugabe não é bem-vindo à Europa e a união Europeia subscreveu, Portugal, qual Estado da República Federativa da Europa, submete-se á vontade britânica mesmo que esta já tenha dito que não impedirá a realização da Cimeira se Mugabe decidir estar presente. Outro dos casos prende-se, precisamente, com o Tratado Constitucional Europeu, sinteticamente dito Tratado Europeu – ninguém quer assumir que é Constitucional para não haver, outra vez, referendos rejeitantes – com a Polónia depois e ter dito sim, estar, agora, a dizer não e a reforçar o não com a necessidade de evitar pôr em causa o seu actual poder interno devido às eleições que se aproximam e que foram antecipadas. Portugal receando o fracasso da aprovação do novo Tratado que já tem o acordo do eixo Paris-Berlim e o traçar de nariz dos britânicos – se, e em definitivo, o país de Sua Majestade, tal como sempre preconizou Churchill, não quer fazer parte da Europa e se manter como um velho porta-aviões almirante (vê a Europa e vê as colónias do alto da sua sobrançeria), porque não o diz de todo? – já admitiu adiar a aprovação do tratado que quer que se chame de Lisboa. Finalmente, o caso mais recente e repetido. A presença de Dalai Lama, o líder espiritual dos tibetanos e Nobel da Paz. Uma vez mais Dalai Lama não será recebido pelas autoridades portuguesas enquanto tal mas sê-lo-á como uma personalidade estrangeira em visita a Portugal como um… turista… mas, pasme-se, em locais de relevo do Estado. Quando questionado, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado, porque não recebiam condignamente o líder espiritual, respondeu lapidarmente “pelas razões que são conhecidas” que ele não explicou, mas que realmente se entende. Ou seja, Portugal receia a força e o impacto que a sua presença terá na China. Registe-se que os chineses mandaram a Portugal um emissário do seu Ministério das Relações Exteriores pedirem explicações porque não sendo recebido pelo Chefe de Estado e pelo Governo, como o Parlamento e o seu líder – segundo a Constituição portuguesa o presidente do Parlamento é “um vice-presidente da República” substituindo o Presidente sempre que este esteja ausente do País – e a Comissão dos negócios Estrangeiros o recebe? Os deputados evocaram a sua ida ao parlamento na condição de líder espiritual como já o foram outros religiosos. Mas para os Chineses, Dalai Lama não é só um líder espiritual, mas um representante “das forças políticas que visam a independência do Tibete e a desagregação da pátria chinesa”. E com a nova superpotência, mais do que em emergência, e com um forte “sorvedor” da economia Mundial, convém não se meter. E a diplomacia de Portugal sempre foi perita em estar bem com Deus e com o Diabo... ©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed. nº. 131, de 15-Setembro-2007, (<http://www.correiodasemana.info/spip.php?article66>)